

338.9812
M527

ARNON DE MELLO
Senador da República

A
TRANSAMAZÔNICA
E O
DESENVOLVIMENTO
DO NORDESTE

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS
Maceió — Alagoas

Discursos do Senador Arnon de Mello no Senado Federal já publicados :

Energia Nuclear
Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Pesquisa
Emigração de Cientistas
Cientistas-Meninos
Ciência e Democracia
América Latina: Educação e Progresso
Inquérito Parlamentar Sobre o "Brain Drain"
Problemas de Educação
Perfis
Responsabilidade do Legislador
Vereadores
Pelé no Senado
Legislação Social e Desenvolvimento (1930-1964)
Alagoas, Petróleo e Petrobrás
Resposta ao Senador Edward Kennedy
Comunidade Luso-Brasileira
Brasil, Passado e Presente
Açúcar: Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional
Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento

outros discursos:

UMA EXPERIÊNCIA DE GOVERNO

Livraria José Olympio Editôra — Rio

Para correspondência e pedidos:

Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05
Rio de Janeiro

Senhor Presidente : (*)

Da Assembléia Legislativa de Alagoas, Estado que me honro de representar nesta Casa, recebi há poucos dias telegrama referindo os sofrimentos do nosso sertão provocados pela sêca.

Não é a minha terra muito frequentada por tal calamidade, que nem sempre a atinge quando assola outros Estados. Assim, não tendo os alagoanos, por isso mesmo, nenhuma infra-estrutura para enfrentá-la, são ainda mais castigados ao serem por ela surpreendidos. Bem conheço a gravidade do problema, visto como por duas vêzes o enfrentei quando Governador do Estado.

Ante as notícias que de Alagoas me chegaram, decidi viajar até lá, e estava em Recife no dia da reunião da SUDENE, presidida pelo Chefe da Nação. Pude assim ouvir "in loco" as graves e severas palavras de S. Exa. — o primeiro Presidente da República a visitar-nos em semelhante momento crucial — e observar a repercussão que tiveram no Nordeste ao bem exprimirem a sua justa revolta ante o desamparo em que encontrou a região.

Voltei já há uma semana de Alagoas mas ainda hoje não venho transmitir ao Senado as impressões que por lá recolhi. Além de querer imprimir ao meu pronunciamento sôbre o assunto tôda serenidade, aguardo ainda dados mais precisos sôbre a situação, pois me empenho em trazer contribuição construtiva à solução do eterno problema do Nordeste, que é a sêca feita flagelo.

ESTRANHEZA

Não posso deixar, entretanto, Senhores Senadores, de desde logo manifestar minha estranheza pelo fato de, após dez anos de esforços da SUDENE no sentido do desenvolvimento do Nordeste, encontrar-se êle, ao ser atingido por longa estiagem, na mesma situação de outros tempos, quando não possuíamos senão o Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas.

(*) Discurso pronunciado no Senado Federal, em Brasília, na sessão de 30 de junho de 1970.

Por que isto, se, em tantos países de terras áridas — Israel, Egito, Índia e outros em África e Ásia, — há a inclemência do clima, há a seca permanente, e esta não se transforma em cataclisma, nem às populações faltam água e alimentos, como no nosso Nordeste? Em Israel, onde a água é guardada e economizada como se fôra dinheiro, com cuidado e rigor, vi a agricultura florescendo, irrigada por aspersão e também subterrâneamente para que o ar quente e sêco não tire nenhuma gota do líquido preciosíssimo. Estive na Ilha de São Vicente, nos Açores, onde nunca choveu, a água lhe chegando de outras ilhas. Por que nessas terras o sol não mata ninguém nem as populações são condenadas à fuga, como se corresse do demônio?

E nos países frios, na Escandinávia, por exemplo, onde os invernos se extremam nas temperaturas abaixo de zero, por que não há a tragédia dos retirantes, abandonando seus lares e suas terras em busca do que comer e do que aquecer?

A resposta é simples: implantaram êles, claro, uma infraestrutura que lhes permite suportar os horrores da falta de chuva e os excessos do frio.

O QUE OCORRE

Senhores Senadores:

O que está ocorrendo no Nordeste comprova que os esforços que ali se fazem pelo progresso não se adaptam à realidade regional. O problema fundamental nordestino é, como sabemos, a seca. Para enfrentá-lo, levaram-se sessenta anos de despesas e lutas. Primeiro foram as obras contra as secas, graças às quais se construiu a grande maioria dos açudes que lá se encontram. Depois veio a SUDENE, em termos de planejamento regional, e quando completava seu decênio reapareceu a seca.

Poder-se-ia imaginar que, depois de tanto dinheiro gasto, tantos projetos aprovados e tantos trabalhos feitos, estivesse o Nordeste em condições de defender-se dela. Mas, não. Ao contrário, estava desaparelhado como nunca. Em 1970 a situação é ainda mais grave. Se em geral, com a seca, o homem se alimenta das sementes que reservou para plantar, êste ano, com as primeiras chuvas, as sementes foram plantadas e perdidas, porque as chuvas pararam e não voltaram mais. E a falta de alimentos e água se fêz inarredável.

Continuamos a ser, assim, no Nordeste, prêsas fáceis da seca, como em tempos de antanho, a despeito de todos os esforços para desenvolver a região.

MEDIDAS DE EMERGÊNCIA

Senhor Presidente:

Falo hoje para ressaltar que o problema da sêca não pode evidentemente ser resolvido através de medidas de emergência que amenizam a dor na hora da crise mas não eliminam a doença, curam os efeitos mas não destroem as causas. Nem muito menos o problema deve ser esquecido ou descuidado quando finda a longa estiagem, as chuvas chegam e os campos sertanejos voltam a florir. Quase caberia lembrar aqui a conhecida frase de Kuan-Tzu: "Se deres um peixe a um homem, êle se nutrirá uma vez; se lhe ensinares a pescar, êle se nutrirá a vida tôda."

Há de ser o problema da sêca resolvido com medidas de longo alcance, como quem planta carvalho. Não o soluciona evidentemente a simples industrialização, como estamos vendo agora. E esta mesma industrialização precisa também, para manter-se e progredir, de infra-estrutura matrizada na agropecuária, que alimenta as populações. Sem ela, não pode existir indústria. E' verdade esta muito simples e sempre repetida mas parece permanentemente deslembrada.

MERCADO DE CONSUMO

Cumprе, por outro lado, considerar a necessidade do que é de evidência ofuscante: o fortalecimento do mercado de consumo regional.

Sucede, entretanto, que no Nordeste aumentam o subemprego e o desemprego, calculando-se que há hoje cerca de um milhão de pessoas que por lá não encontram trabalho. Isso reduz ou elimina a capacidade aquisitiva de certos núcleos da população, e, pior ainda, resulta em descapitalização física do homem, tirando-lhe a força de trabalho e diminuindo-lhe a própria vida, que em média chega na nossa região a menos de 30 anos. E desde logo se diga que no Nordeste, em Recife, por exemplo, a vida é mais cara cerca de 25% que em São Paulo, e o salário-mínimo em São Paulo é maior 25% que no Recife. O problema tem aspectos os mais diversos e requer estudo e coragem para ser devidamente enfrentado. Não nos esqueçamos de que há no Nordeste um têtço da população brasileira.

REFORMULAÇÃO RODOVIÁRIA

Todavia, convenhamos em que, para assegurar o desenvolvimento do Nordeste, se impõe naturalmente a ampliação de suas

fronteiras pela implantação de estradas que o liguem ao Oeste e às áreas férteis do Norte, que, mesmo ainda não habitadas, em breve se transformariam em centros de produção e população. Sempre considerei que a solução do problema do Nordeste, como do Norte, exigia uma reformulação do plano rodoviário nacional que mantém características colonialistas, as estradas partindo do Centro-Sul, como da antiga Côrte, em todas as direções.

Já está produzindo excelentes resultados a Belém-Brasília, que, saindo do Planalto goiano, onde se erigiu a nova Capital do País, atravessa imensas extensões de terras férteis não habitadas em demanda do Brasil Setentrional. Vale a pena recordar as críticas que há dez anos lhe foram feitas, e a realidade desmentiu. Se, como está na Bíblia, as árvores se conhecem pelos frutos que produzem, há que computar em favor da Belém-Brasília os números que apresenta depois de dez anos de implantada. Ao longo dela, duas centenas de postos de abastecimento já foram instalados. Pontilhando-lhe tôda a extensão, fundaram-se numerosas cidades, cujas populações se elevam a mais de um milhão de habitantes. Com o povoamento, a produção agrícola nasce e cresce nos vales úmidos do Araguaia e Tocantins. A cassiterita e o minério de estanho já são tirados de Rondônia. Três vêzes por semana uma linha de ônibus comunica Pôrto Velho com a cidade de Cuiabá, e a ligação com São Paulo se faz em 72 horas. Anote-se, por fim, quanto tudo isso representa para o País, do ponto de vista da saúde e educação.

APARTE

O Sr. Vasconcelos Torres — Permite-me V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, nobre Senador Vasconcelos Torres.

O Sr. Vasconcelos Torres — Este assunto, no meu modesto modo de entender, vai se tornando polêmico. Só queria, se V. Exa. me permitisse, ressaltar a posição brasileira, de 1964 para cá, relativamente ao problema do Nordeste. Poderia também, com sinceridade, dizer que, antes de 1964, com o pleno funcionamento da SUDENE, êsses assuntos foram, no meu acanhado modo de entender, devidamente equacionados. Não se pode — e V. Exa. vai me permitir que fale com sinceridade — tratar êsse problema com lirismo. O Nordeste deverá ter ainda a sua rota de desenvolvimento econômico — no meu modo de entender, repito, devo estar enganado e V. Exa. vai me esclarecer — através das vias marítimas. Não se pode fazer a penetração de uma área que, se não é árida, está pelo menos sem condições de desenvolvimento. Pode-se, sim, realizar

aquilo que audaciosamente o Presidente Garrastazu Médici acaba de fazer, a Rodovia Transamazônica, como um fator de ocupação da mão-de-obra disponível no Nordeste, para o desenvolvimento de áreas que tenham condições ecológicas para se apresentarem ou como pequenos aglomerados urbanos ou como áreas capazes de dar ao homem brasileiro o mínimo que seja indispensável à subsistência dentro da comunidade nordestina. Eu queria que Vossa Excelência recebesse o meu aparte como um pedido de esclarecimento de um quase ignorante no assunto: a política do Presidente Emílio Garrastazu Médici não está certa? S. Exa. rompeu um tabu, indo ao Nordeste e vendo, como diria Camões, “com seus olhos de ver” tôda aquela dramaticidade da sêca, compreendeu que precisava tomar medidas acertadas, como tomou, no que concerne aos incentivos fiscais. Faço justiça ao Senador Argemiro de Figueiredo, que foi combatido quando da implantação da SUDENE e, hoje, a SUDENE se rende à sua argumentação. Assim, perguntaria a V. Exa. se êsse problema do Nordeste pode servir de base para se fazer a diferenciação entre o Nordeste e o Sul, como se fôssem, e não vai aqui nenhum menoscabo à região de V. Exa., o primo rico e o primo pobre. Perguntaria, ainda, se nós brasileiros não temos que nos dar as mãos para resolver o problema. O meu aparte tem caráter de indagação; é uma “question”, como se diz nas universidades americanas, pois quando um homem da categoria intelectual de V. Exa. fala ao Senado não deve monologar apenas. Perguntaria, portanto, se não estamos certos com a providência tomada pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, ao encarar o problema com seriedade, pois, como já disse e vou repetir, quando o Nordeste vai mal o Brasil vai pior.

DISCORDANCIA

O SR. ARNON DE MELLO — Antes de tudo, eminente Senador Vasconcelos Torres, eu gostaria de repetir, a propósito do seu aparte, uma frase de Saint-Exupéry. Dizia êle em palavras parecidas com estas: “Quando V. Exa. discorda de mim. V. Exa. não está me lesando, está me aumentando.”

Em segundo lugar, é claro que a disparidade entre o Norte-Nordeste e o Centro-Sul deve ser combatida, e a SUDENE foi criada exatamente para isso, para reduzir o *gap* que os separa, pois essa disparidade bloqueia o desenvolvimento global da Nação.

Quanto à sua pergunta, ou à sua observação, a respeito da ação do eminente Presidente Garrastazu Médici, eu só lamento que V. Exa. não houvesse esperado um minuto para me ouvir, porque

ela não tem razão de ser. Minha posição é diametralmente oposta à que V. Exa. imagina.

O Sr. Vasconcelos Torres — Então, vou ouvir V. Exa. Antes, queria dizer que V. Exa. é o Hitchcock alagoano. Faz suspense. Eu não me contive e fiz a pergunta. V. Exa. cria um estado de emoção, eu vou na onda, e V. Exa., aparentemente contra, no fundo vai se revelar a favor. Peço desculpas por me ter antecipado à sua conclusão.

O SR. ARNON DE MELLO — Eu não me revelei contra de início. Gostei, entretanto, de dar ensejo a V. Exa. para mais uma reafirmação de solidariedade ao Governo da Revolução.

O Sr. Vasconcelos Torres — Agora V. Exa. já antecipa que vai concluir de acôrdo com o que observei.

PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

O SR. ARNON DE MELLO — Eis porque, Senhor Presidente, como brasileiro e especialmente na minha condição de nordestino, vejo com entusiasmo o Programa de Integração Nacional, criado pelo Decreto n. 1.106, de 16 dêste mês de junho. De acôrdo com êle, será construída a Rodovia Transamazônica que, no dizer do Sr. Ministro do Planejamento, “se ligará em Picos, no Piauí, com todo o sistema rodoviário básico do Nordeste. Rumo Noroeste, a partir de Picos, ela seguirá para Pôrto Nacional e daí paralelamente ao Rio Amazonas, cortando sete dos seus principais afluentes, à margem direita. Exatamente nesses pontos serão instaladas sete agrovilas, contando com escola, igreja, postos do Ministério da Agricultura e do Banco do Brasil etc., a fim de promover a fixação das migrações do Nordeste, numa conjugação de programas. Para que se tenha uma idéia dos futuros resultados, basta lembrar que nesta faixa de dez quilômetros que margina de cada lado a estrada, a terra é excelente para o cultivo, havendo numerosas manchas de terra-rôxa que, como se sabe, é altamente fértil”.

IRRIGAÇÃO

Ainda de acôrdo com o Programa, será utilizada para irrigação a água de 250 açudes e barragens já existentes na região, com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento, e, ao mesmo tempo, a agricultura terá para seu desenvolvimento recursos do Banco Mundial através do Banco do Nordeste.

Registro com prazer êste aspecto do Programa de Integração Nacional, lembrando os nossos eminentes colegas Senadores José

Ermírio de Moraes e Argemiro de Figueiredo que tanto se batem pela irrigação. Bem sei que o Egito, a Espanha, o México, a Índia, o Paquistão, Israel têm grandes áreas irrigadas, enquanto o Brasil as possui relativamente poucas, e o Nordeste, especialmente, muito poucas. Mas o fundamental é adquirir a consciência da essencialidade do empreendimento, o que nos compromete com a sua execução. E é o que se está verificando.

NÃO COMPROMETEM

Ressalte-se que os 30% dos incentivos fiscais que se vão depender na construção da Transamazônica não perturbam o programa de industrialização do Nordeste. Como declarou o Sr. Ministro do Planejamento, correspondem êles aos recursos reservados, segundo orientação já adotada, para projetos de desenvolvimento agropecuário a fim de fixar o homem à terra, exatamente a finalidade da Transamazônica, que abre portas aos excedentes nordestinos de mão-de-obra. Dos incentivos fiscais o Programa de Integração Nacional só absorve mesmo recursos que se desejaria destinados a projetos agropecuários, sem grandes atrativos para os investidores pela sua falta de maior rentabilidade.

industrialização do Nordeste, servindo-lhe ao presente e ao futuro.

Ao contrário de enfraquecer, a Transamazônica fortalece a No presente, funciona como infra-estrutura para assegurar-lhe a base agrícola, e no futuro, ocupando-se e plantando-se terras férteis em toda a sua extensão, para garantir-lhe novos mercados de consumo. A estrada promove o desenvolvimento da agricultura, sem a qual não existe indústria, e ainda cria centros populacionais consumidores de manufaturados.

APOIO

O Sr. Cattete Pinheiro — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, nobre Senador Cattete Pinheiro.

O Sr. Cattete Pinheiro — Releve-me interromper o magnífico discurso de V. Exa., justamente no momento em que tão claramente coloca o problema. Houve, ao que parece, interpretação negativa com relação ao plano de integração nacional sob êsse aspecto, quando se pretende ver a retirada de aplicação de incentivos fiscais no Nordeste, no percentual de 30%. Em verdade, a aplicação dos 30% na Transamazônica vai atender a um problema fundamental da área nordestina.

O SR. ARNON DE MELLO — Inteiramente de acôrdo com V. Exa., illustre Senador Cattete Pinheiro, a quem agradeço o aparte.

O Sr. Clodomir Millet — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador Clodomir Millet.

O Sr. Clodomir Millet — Subscrevo, por inteiro, as palavras do Senador Cattete Pinheiro. E' preciso que se diga que os incentivos fiscais resultam de resolução do Govêrno de não receber o impôsto de renda nessa parte, ou seja, nesses 50% que seriam empregados como incentivos para industrialização das áreas do Nordeste e da Amazônia. Convenha V. Exa. em que êsse dinheiro deveria ser normalmente recolhido ao Tesouro. E se o Govêrno nos apresenta um plano de aplicar, êle próprio, no desenvolvimento da região, trinta por cento dêsse quantitativo, temos que louvar a sua ação, porque através de obras de infra-estrutura e, particularmente de obras no setor agropecuário, a aplicação na indústria do restante dos cinquenta por cento se tornará muito mais fácil e mais produtivo para as nossas regiões do Norte e Nordeste. Acontece, também, que um dos efeitos das sêcas do Nordeste é justamente o deslocamento de populações impossibilitadas de viver nas áreas no momento atingidas pela calamidade. Então, tudo o que se fizer no sentido de facilitar a migração da gente impedida de viver nesses locais e de preparar regiões para receber êsses elementos das terras calcinadas no Nordeste, tudo o que se fizer, repito, é bom. Se o Govêrno se decide, realmente, — e confiamos na administração do Presidente Médici — a aplicar um plano estruturado, ordenado e dirigido justamente para a realização dessas obras, não há como deixar de aplaudir a ação do Govêrno neste particular. Portanto, S. Exa. tem tôda a solidariedade daqueles que pertencemos às regiões do Norte e do Nordeste.

O SR. ARNON DE MELLO — Devo acentuar, Senador Clodomir Millet, que a Transamazônica não prejudica a industrialização do Nordeste. Os 30% dos incentivos fiscais que ela vai utilizar são destinados à agropecuária, suporte das indústrias implantadas na Região.

O Sr. Clodomir Millet — Permita V. Exa.: o fato de pertencerem à agropecuária não quer dizer que não os tenham interessado. Inclusive, o Govêrno está, no Programa, procurando despertar o interesse dos investidores do Sul pelo setor agropecuário. A percentagem é retirada do cômputo geral, mas para benefício das regiões. Por conseguinte, não há por que dizer-se que, com isso, se está desfalcando a cota reservada para a industrialização, uma vez que, tanto no setor agropecuário como no da indústria, os 50% são aproveitados. Há, na obra do Govêrno e por parte da SUDENE, até um interesse

desmedido no sentido de chamar a atenção de todos os que têm recursos para que venham aplicá-los no desenvolvimento da agropecuária. Assim, elas pertencem a êsse Fundo; tirando dêsse Fundo, não prejudica a industrialização nem o setor agropecuário, porque são empregadas em obras, visando justamente a facilitar a ação dos industriais, no futuro, quando tiverem implantadas as indústrias ou os seus projetos realizados no setor agropecuário.

O SR. ARNON DE MELLO — Cumpre destacar, Senador Clodomir Millet, que foram poucos, até hoje, os projetos aprovados pela SUDENE, e em execução, no setor agropecuário. Não há maior interêsse, realmente, dos investidores em empregar os incentivos na agropecuária; êles preferem empregá-los na indústria.

O Sr. Clodomir Millet — Quero esclarecer, apenas, corroborando com V. Exa., que, no que diz respeito ao meu Estado, diversos projetos visando à agropecuária já foram aprovados e estão sendo executados no Maranhão. Estou chamando a atenção de V. Exa. para êste ponto, a fim de que não se incorra no êrro de pensar que o setor agropecuário seria prejudicado, porque as obras vão beneficiar também êsse setor. Os recursos serão tirados do conjunto, mas não haverá prejuízo para ninguém.

O SR. ARNON DE MELLO — Embora, Senador, haja no Maranhão e Piauí projetos em execução, o que me informam é que os investidores não revelam maior interêsse em aplicar recursos na agropecuária.

DENSIDADE DEMOGRÁFICA

Anote-se, Sr. Presidente, que a alta densidade demográfica do Nordeste perturba o desenvolvimento e bloqueia a produtividade. Considere-se, por outro lado, que há ali áreas sem condições de produzir, que só foram povoadas porque nelas se adaptaram os rebanhos. Ê, em certas regiões, 70% dos alimentos vêm de fora.

Tudo isso importa em problemas gravíssimos que impõem uma ampliação das fronteiras nordestinas com vistas a dar trabalho e alimento ao homem. A conjugação das terras semi-áridas do Nordeste com as terras úmidas da região amazônica é, pois, imperativo de desenvolvimento econômico, e mesmo de segurança nacional, e só não nos escandaliza a ausência de planos até hoje nesse sentido porque sabemos que sòmente agora os avanços da ciência e da tecnologia nos permitem marchar objetivamente para tal solução. Enquanto há Estados do Nordeste com densidade demográfica de cêrca de 50 habitantes por quilômetro quadrado, como Alagoas, a média na Amazônia é de menos de 1 habitante por quilômetro quadrado,

com uma superfície quatro ou cinco vèzes maior que a nordestina. São espaços vazios imensos que precisam ser ocupados.

O Sr. Cattete Pinheiro — V. Exa. permite um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador Cattete Pinheiro.

O Sr. Cattete Pinheiro — Note-se ainda, Senador Arnon de Mello, que, na percentagem de menos de um habitante por quilômetro quadrado, vamos verificar que ainda é o nordestino que, com sua bravura, dá a maior parte dêsse percentual à nossa população.

O SR. ARNON DE MELLO — Chegarei lá. Muito obrigado a V. Exa.

A TRANSAMAZÔNICA

Senhores Senadores:

A Transamazônica, — de maior interêsse sócio-econômico que a Belém-Brasília —, criará uma nova imagem para o Nordeste, onde apenas desaguam até agora as estradas originárias do Centro-Sul. Do Nordeste, levará ela às áreas do Norte e Oeste a produção regional, ao mesmo tempo que de imediato dará trabalho aos flagelados da sêca e, a longo prazo, emprêgo aos nossos excedentes de mão-de-obra. Lembre-se que anualmente precisamos de cêrca de 120.000 empregos, e a SUDENE não criou mais de 70.000 em seus dez anos de existência, computando-se os projetos já executados. Imaginou-se que a industrialização absorveria êsses excedentes mas a verdade é que tal não se verificou, pois a modernização das técnicas, com a mecanização cada vez maior, reduz dia a dia o emprêgo de mão-de-obra.

Com cêrca de 3.000 quilômetros de extensão, a Transamazônica, saindo do Recife para Rio Branco, e a Santarém-Cuiabá — dez quilômetros de cada lado desapropriados para fins sociais —, atendem a curto e a longo prazo os mais altos interêsses do País. Destaque-se a sua importância para a ocupação da Amazônia — fator de unidade e segurança nacional. E ressalte-se, além da criação de novos mercados de consumo para a produção regional, a integração, na economia brasileira, dos milhões de nordestinos marginalizados pela falta de trabalho.

SOLIDARIEDADE

O Sr. Filinto Müller — Permite V. Exa. um aparte?



O SR. ARNON DE MELLO — Com prazer.

O Sr. Filinto Müller — Desejo inicialmente congratular-me com V. Exa. pelo magnífico e patriótico discurso que está fazendo. O discurso de V. Exa. aborda o problema com autoridade e conhecimento de causa. Realmente o que V. Exa. está acentuando é que a Transamazônica, longe de prejudicar o Nordeste — o que encontraria de nossa parte e de todos os brasileiros a maior repulsa — longe de prejudicar o Nordeste vem criar novas condições de vida para os nordestinos eximindo-os da calamidade da seca, como esta que estamos enfrentando atualmente.

O discurso de V. Exa., além dêsse aspecto da autoridade com que V. Exa. fala, teve a circunstância de fazer com que abalizados Senadores representantes das Regiões Norte e Nordeste interferissem nêle com apartes, para apoiá-lo. Felicito V. Exa. pela oração que vem pronunciando e por essa circunstância do interesse despertado no Senado, sobretudo nas bancadas do Norte e do Nordeste do País. Todos aqui nos emocionamos, há poucos dias, quando tomamos conhecimento da situação calamitosa que atravessa uma região do nosso País, que é o Nordeste, assolado pela seca. Temos a certeza de que, com a execução do plano da Transamazônica — e não se esqueça V. Exa., também, da importância que tem a ligação Cuiabá-Santarém, — com essas duas grandes vias realmente se promoverá a integração amazônica.

O SR. ARNON DE MELLO — Já me referi a ela, Sr. Senador.

O Sr. Filinto Müller — Com a construção dessas duas grandes estradas, o Brasil dará início, na Região Norte, a um grande surto de desenvolvimento. Mais uma vez felicito V. Exa. pela brilhante oração. Estou certo de que suas palavras hão de calar, fundamente, no espírito de cada brasileiro, especialmente no dos brasileiros do Nordeste, e hão de dissipar as dúvidas daqueles que ainda imaginam que a transferência de 30% dos incentivos fiscais, para a construção da Transamazônica e da Cuiabá - Santarém, venha a prejudicar a Região Nordeste. Ao contrário, vem — e V. Exa. está provando — beneficiar grandemente não só o Nordeste mas todo o Brasil.

O SR. ARNON DE MELLO — Honra-me profundamente o seu aparte, eminente Senador Filinto Müller. V. Exa., com a autoridade, a experiência e o patriotismo que todos lhe reconhecemos, fortalece a minha argumentação em favor de uma obra realmente do maior interesse para a construção do futuro do Brasil. Agradeço as palavras generosas de V. Exa. a meu respeito.

EXCEDENTES POPULACIONAIS

Fixe-se, srs. Senadores, que, apesar do índice elevado de

mortalidade infantil e adulta, tem o Nordeste, mesmo em épocas normais, excedentes de população que “exportamos” para o Centro-Sul. Ainda há poucos meses uma importante revista francesa publicava reportagem sôbre o Nordeste, e referia o caso de uma pobre lavadeira de Recife com nove filhos de menor idade. Perguntando-lhe o jornalista em que se ocupava o seu marido, a resposta foi que os nove filhos tinham nove pais, que os abandonaram, mas dêles provavelmente se valiam para obter salário-família, transformado êste, assim, em elemento acelerador da explosão demográfica. Do Sr. Ministro da Fazenda lemos no número desta semana de conhecida revista carioca: “No Nordeste, o homem do povo, principalmente no interior, só se sente realizado tendo muitos filhos. E não se pode pensar no crescimento de um país se não fôr permitido que seus homens se sintam realizados”. E ainda: “O crescimento populacional é um dos poucos aspectos alegres do esforço pelo desenvolvimento econômico”.

FÁCIL E DIFÍCIL

É fácil, como se vê, produzir meninos no Nordeste, e ainda mais ao estímulo de autoridade pública. Difícil, entretanto, é sustentar e desenvolver adultos, especialmente em região de pequena renda *per capita*, cujo produto bruto não acompanha o ritmo da nossa explosão demográfica, hoje em tórno de 4% ao ano, sendo que 1% emigra e 3% permanecem.

Mas no Centro-Sul, os nossos excedentes de mão-de-obra já não são absorvidos como no passado. “Ir para São Paulo” não é mais uma solução para os nordestinos, porque a sofisticação do trabalho industrial não lhes dá condições para competir nas oportunidades de *emprego com os filhos da região*.

Útil à economia de São Paulo e do Paraná em sua fase de implantação agrícola, no campo do trabalho duro, tão logo êste se tornou mais ameno, mais especializado, o nordestino teve reduzida a sua área de *emprego*. Restam-lhe apenas as oportunidades que os trabalhadores locais rejeitem, como ajudantes nas construções civis e similares.

Não podem, assim, os excedentes humanos do Nordeste continuar dirigindo-se para o Centro-Sul, tanto as ocupações que aqui lhe são oferecidas não melhoram suas condições de vida.

QUALIDADES DO NORDESTINO

Não faltam, no entanto, ao nordestino, qualidades para colaborar na construção nacional. Foi êle que colonizou o Acre, — ainda há pouco o dizia, em aparte com que me distinguiu, o nobre Senador

Cattete Pinheiro —, como deu valiosa contribuição para aumentar a sumamente exígua densidade demográfica do Pará e Amazonas. O Nordeste continua a ser fonte de recursos humanos para o desenvolvimento do País e a colonização dos vazios brasileiros.

Durante a implantação das atuais agriculturas de S. Paulo e do Paraná, também se revelou o trabalhador nordestino o mais eficiente assim como na “batalha da borracha”. Com a sua elevada capacidade de adaptação a um meio ambiente em estado primitivo, foi sem dúvida dos mais eficientes elementos das fases pioneiras do Brasil. Se não estamos em condições de dispensar-lhe a força construtiva, tanto precisamos dela, muito menos podemos deixá-los ao Deus dará, como párias, numa terra da promessa.

VÁRIAS RAZÕES

Senhores Senadores:

Várias são realmente as razões que fazem da Transamazônica projeto do mais alto valor para solucionar o problema do emprego das populações pobres do Nordeste. Em primeiro lugar, permite a drenagem dos excedentes de trabalhadores, evitando o aviltamento dos salários regionais e, dêsse modo, constituindo-se em fator de desenvolvimento da nossa economia, que então poderá cuidar da “melhoria da produtividade do trabalho”, pressionada pelo equilíbrio do mercado de mão-de-obra.

É inútil clamar contra a baixa remuneração aos trabalhadores do Nordeste, enquanto houver por lá excesso de braços. É igualmente ingênuo pregar a melhoria da “produtividade do trabalho” através da elevação dos “bens de capital” empregados nas atividades econômicas do Nordeste. Esta pregação implica em recomendar o emprego intensivo daquilo que o Nordeste tem muito pouco (capital) para economizar o emprego daquilo que é abundante (o braço trabalhador).

Com a automação e a mecanização — repita-se — diminuem as oportunidades de trabalho nos centros industriais, o que gera a necessidade da emigração de braços excedentes, que, do contrário, caem no desemprego, no subemprego ou no aviltamento do preço do trabalho, ao mesmo tempo que se excluem do consumo de bens da produção industrial.

Com a Transamazônica e a Santarém-Cuiabá, terão os nordestinos oportunidade de competir com outros brasileiros no trabalho de enfrentar a natureza em estado primitivo.

Doando terras às margens da estrada, o Programa de Integração Nacional fixa aí o nordestino, que só retorna do Centro-Sul ao Nordeste pela falta que sente dos seus usos e costumes ou quando envelhecido e inútil, esgotado de suas reservas vitais, já não tem condições para trabalhar e vem acrescer a sobrecarga de impro-

atividade que já pesa sobre a magra economia regional. Na Transamazônica, porém, a civilização será criada por êle próprio. E como é imenso o território que a estrada atravessa, a absorção dos excedentes populacionais nordestinos continuará sendo feita ainda por muito tempo, criando-se centros de produção agrícola que alimentarão o Nordeste enquanto se constituirão em mercado consumidor dos manufaturados regionais. Assim, os páraquos dos caminhões, que conduzem de volta os nordestinos emigrados para o Centro-Sul, não terão mais êstes dizeres: "Levo desenganos e trago desilusões."

P E L É

Sr. Presidente:

Não é possível que os nordestinos continuem no subemprego e no desemprego, nem merecem êles tal desamparo. Não é possível conservar tantos milhões de brasileiros excluídos da economia nacional. Muito ao contrário, cumpre dar-lhes acesso aos benefícios da civilização,— e é o que objetiva o Programa de Integração Nacional.

Agora mesmo, na recente viagem do Sr. Presidente da República ao Nordeste, verificou-se, a êsse respeito, episódio que nos deve encher a todos de tristeza. Visitando S. Exa. algumas frentes de trabalho dos flagelados da sêca, sempre lhes fazia perguntas, entre as quais esta:

— Conhece Pelé?

Nenhum conhecia Pelé, e muito menos o que significa êle para o Brasil. Um dos flagelados arriscou, em tom de indignação, se não se tratava de um goleiro. Ora, sabemos todos que são filhos do povo brasileiro os homens que deram ao nosso País a glória da Taça Jules Rimet, enfrentando equipes das maiores Nações do Mundo e as vencendo por três vêzes. De todos os jogos participou Pelé, desde os 18 anos. Não apenas no Brasil, mas no mundo todo, nos países das línguas e religiões mais estranhas, é êle conhecido, admirado e falado. Na Suécia, na Rússia, na Índia, no Japão, como na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos, por onde se ande, ouve-se falar invariavelmente dêle, como um ídolo. Pelé dedica-se a esporte eminentemente popular que emociona tôdas as classes e tôdas as idades (quem, de nós, em criança não jogou futebol?). Pelé vem da humildade e da pobreza extrema, nascido de descendentes de africanos. Apesar disso, embora filhos, como êle, da miscigenação e da pobreza, aqueles nordestinos que falaram com o Presidente Médici não identificam Pelé nem o conhecem sequer de nome.

PUNGENTE

Com tem declarado o Chefe da Nação, sua presença no Nordeste, nesta fase de dores e aflições maiores para os filhos da Região, foi uma sequência de emoções dolorosas para os seus senti-

mentos não só de homem público, que detém a responsabilidade do governo do País, mas ainda de simples cidadão. Confessou mesmo que, depois de visitar uma frente de trabalho, à noite não conseguiu dormir, tanto o impressionaram as condições ambientes de miséria. E destaca que, nas áreas da sêca, não encontrou ninguém fumando assim também nenhuma criança brincando de jogar bola, o que para S. Exa., que ama o cigarro e se entusiasma tanto pelo futebol, constitui indicação evidente dos extremos de necessidades que maceram aquela gente, alheia ao fumo como desconhecedora de Pelé e dos encantos de sua arte, que faz no mundo inteiro a alegria do povo, das crianças e dos jovens, que a praticam, e dos adultos e dos anciãos que tanto a apreciam.

De tôdas as verificações que, na sua viagem ao Nordeste, fêz o Chefe da Nação, e que sobremodo o molestaram e amarguraram, esta é positivamente a mais pungente. Que lhes faltem, aos flagelados, os alimentos nesta hora de sêca, que lhes falte saúde, que lhes falte alfabetização. É, contudo, demais que lhes falte até o conhecimento do futebol e, ainda, de Pelé, um irmão dêles na côr e nas origens sociais, criador de glórias para o Brasil. Nem a comunicação de massa, por mais poderosa, mesmo através do transistor, atingiu aquela área de brasileiros ao léu da sorte, cujos problemas agudos os excluem de preocupações outras que não sejam as da pura manutenção do ser físico. Tem-se aí a medida do estado de marginalização dêles. Tem-se aí o desafio a que somos convocados para recuperá-los. E o Programa de Integração Nacional é instrumento válido para cumprirmos êsse dever de homens públicos.

BANDEIRA NACIONAL

O Sr. Vasconcelos Torres — V. Exa. me permite um aparte, Senador Arnon de Mello?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador.

O Sr. Vasconcelos Torres — Devo confessar, com pureza, que V. Exa. está, realmente, produzindo trabalho notável de interpretação sociológica. Não mais queria interromper o seu belo discurso. Mas como V. Exa. citou a investigação do honrado Sr. Presidente da República no Nordeste, inquirindo sôbre se conheciam Pelé, eu diria que o fato de não o conhecerem não é de se estranhar, pois que são homens — eu o depreendi do seu discurso — que não devem conhecer nem aquilo que há de mais terno e significativo em nossa nacionalidade: a bandeira nacional! Eu perguntaria, apenas, o seguinte: “Se ao invés de S. Exa. indagar se conheciam Pelé, que nós homenageamos no Senado, eu o trouxe aqui e, na ocasião V. Exa. fêz um dos discursos mais notáveis sôbre a questão da etnia brasileira, no futebol brasileiro — lhes fôsse perguntado se conheciam a

bandeira brasileira, a resposta, provavelmente, seria no sentido negativo”. Realmente, Pelé é um orgulho sobre o qual eu me debruço e a quem reverencio. Mas, desconhecer a imagem da Pátria, aquele pedaço de pano sacrossanto, é desolador! Sempre ouço a voz do sociólogo, produzindo magníficos discursos no Senado, da figura indelével do grande sociólogo Oliveira Vianna. A pesquisa que êle havia mandado fazer, não em área do Nordeste, mas dentro de áreas urbanas do Rio de Janeiro e do Estado do Rio, entre elementos chamados a servir no Exército Brasileiro, àquela época, revelou que não conheciam a bandeira brasileira. Êste, talvez, seja o lado mais dramático, porque, conhecer Pelé, a imagem do esporte, nós conhecemos todos. Mas, a bandeira brasileira, quem não conhece? É um desafio, talvez, mas tenho a certeza de que quando o Presidente Médici, em terras nordestinas, falou “terá que ser mudado”, êsse ser mudado não foi, apenas, em relação a Pelé; foi em relação a tudo que representa um alheamento, vamos usar uma palavra muito moderna, a marginalização do brasileiro, a tudo que lhe diz respeito, como a Pátria, como seus heróis. Quantos conterrâneos, quantos dêsses patricios não sabem o nome de um Deputado, nem de um Vereador, nem de um Prefeito, porque não são eleitores. Levam uma vida terrível. Devo dizer a V. Exa. que não quero estar aqui num refrão, num realejo. Estou indo embora do Senado, irei embora se Deus quiser, mas esta frase do Presidente Médici me impressionou, profundamente: “Tudo isso terá que ser mudado”. E acredito que êste é o maior desafio do Governo de S. Exa., do Governo Revolucionário: mudar, realmente, e não só no Nordeste — que, se isso acontece lá, devo dizer a V. Exa. que no meu Estado, o terceiro hoje em posição, no que diz respeito à arrecadação de tributos federais, V. Exa. vai encontrar, em áreas subdesenvolvidas, também essa mesma resposta; não conhecem Pelé e também não conhecem a bandeira da Pátria.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado a V. Exa., eminente Senador Vasconcelos Torres, pela contribuição que trouxe ao meu discurso.

BRASIL GRANDE

Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O Programa de Integração Nacional, de tão profundo interesse para o nosso povo e significado para o nosso futuro, é positivamente um ato de unidade nacional, merecedor do conagraçamento dos brasileiros pelo que exprime de construtivo no sentido do Brasil Grande.



Senado Federal



SEN00024955